

S'A arquitectos com a **arq./a**

«Somos uma profissão simultaneamente pragmática e utópica»

LUÍS SANTIAGO BAPTISTA
MARGARIDA VENTOSA



O atelier S'A arquitectos apresenta-nos uma abordagem arquitectónica pouco comum em Portugal. Na verdade, a deslocação precoce e posterior instalação do S'A em Barcelona permitiu-lhe participar numa das plataformas mais dinâmicas da arquitectura contemporânea, expandindo irreversivelmente os seus horizontes disciplinares. Neste sentido, a necessidade de compreensão da «grande escala», a exigência de uma perspectiva contemporânea de sustentabilidade, a convicção da possibilidade de conjugação entre «utopia» e «pragmatismo» e a abordagem «estratégica» ao projecto arquitectónico são os fundamentos de uma prática empenhada e entusiasta que procura responder efectivamente aos problemas da realidade concreta.

arq./a: O vosso percurso está marcado pela presença em novas plataformas de afirmação profissional. De facto, têm-se afirmado através da participação em programas internacionais no âmbito da arquitectura, o EUROPAN, a EXPERIMENTA DESIGN, o ARCHILAB, o HIPERCATALUNYA, a BIENAL DE ARQUITECTURA DE VENEZA, etc. Qual a importância dessas experiências?

Carlos Sant'Ana: O aspecto mais positivo de todas estas experiências foi poder estar entre os melhores e aprender com eles. Não tenho dúvidas que foram experiências bastante positivas, principalmente pelo reconhecimento dado a quem não tem obra construída. A nossa presença no *Archilab* em França foi uma das mais marcantes pois foi o primeiro evento em que participámos e éramos os arquitectos mais novos que estavam presentes. Foi uma exposição chamada *90 casas, 90 arquitectos* e estavam lá grandes nomes da arquitectura mundial como OMA, Ben Van Berkel, MVRDV, Neil Denari, etc... O mais importante de tudo não foi nem a exposição nem as apresentações, mas sim as pausas de café, almoços e jantares durante os três dias que durava o evento. Foi mais importante a parte informal do evento, pensada de modo a que houvesse intercâmbio de ideias e contactos. Talvez isso tenha sido uma das grandes lições que aprendi: o valor da informalidade nas relações profissionais.

arq./a: Por outro lado, a vossa produção parece muito marcada pelo contexto académico e disciplinar de Barcelona. Frequentaram o mestrado na Universidade da Catalunha, colaboraram com Manuel Gausa e com a ACTAR e foi aí que decidiram fundar o atelier. De que forma se sentem marcados pela experiência continuada em Barcelona?

C.S'A: A existência de S'A é indissociável de Barcelona. A cidade é uma grande escola e todo o tempo que passamos aqui serve para aprender. A cidade funciona bem a todos os níveis e torna-se um exemplo só pelo facto de viver aqui. Não somos influenciados pela tradicional "Escola de Barcelona" mas estamos ideologicamente ligados a uma nova geração de arquitectos, como Manuel Gausa ou Willy Muller, e quase todo o grupo que fundou o *Metápolis* e posteriormente o *Instituto de Arquitectura Avanzada da Catalunya*. É uma geração muito internacional e bastante propositiva nos projectos, investigações e publicações, através de um constante olhar crítico para a realidade a uma escala simultaneamente Global e Local. Trabalhei com Manuel Gausa durante bastantes anos e segui de perto toda esta evolução, de sonho a realidade. Vi como o apoio do *Generalitat da Catalunya* foi essencial para transformar uma

associação cultural num centro educativo reconhecido pela *Universitat Politècnica da Catalunya* e com parcerias com MIT, bem como com uma série de empresas catalãs que apostam na inovação como ferramenta de diferenciação competitiva e por isso aparecem associadas ao Instituto de Arquitectura. Foi um tomar de consciência em que não basta força de vontade e qualidade de trabalho. Torna-se necessário investimento público e privado, político e social para as coisas avançarem.

arq./a: Pedro Gadanhó e Luís Tavares Pereira distinguiram duas gerações na arquitectura portuguesa recente, a primeira X e a seguinte Y, onde vos incluiu. Sentem essa diferença geracional?

C.S'A: No *Metaflux* podíamos ver essa diferença devido à escolha dos nomes. A geração X era mais coerente e homogénea, enquanto a geração Y era demasiado heterogénea para poder definir algum tipo de conjunto. Todos éramos diferentes e talvez isso possa criar alguma unidade. Temos cumplicidade de objectivos e necessidades mentais, mas a resposta dada por cada um é totalmente personalizada e suficientemente diferente para não conseguir definir uma geração. Talvez seja consequência do nosso percurso mais internacional, com experiências académicas e colaborações profissionais em diferentes situações e contextos. Não acho que se trate de uma diferença geracional pelo simples facto de grande parte da minha geração ainda se identificar com os valores tradicionais da arquitectura contemporânea portuguesa. As figuras do Siza, Souto Moura e Carrilho da Graça, entre outros, ainda têm muita influência no modo de pensar e projectar em Portugal e são poucos os que tentam libertar-se dessa carga. Se olharmos o panorama europeu, ou apenas o espanhol que nos é mais próximo culturalmente, vemos que há uma nova geração com oportunidades de mostrar a sua criatividade e capacidade de resposta, tão diversa quanto o número de intervenientes. Em Portugal, salvo raras excepções, apenas vemos que se destacam os que dão algum tipo de continuidade às outras gerações levantando uma questão: sucessão ou evolução?

arq./a: Uma dos fundamentos dessa mudança geracional seria uma crescente hibridização de práticas criativas, integrando a arquitectura, a arte, o design, etc. Está a vossa produção associada a essa abertura e expansão dos limites tradicionais da disciplina da arquitectura?

C.S'A: A nossa visão sobre o que é ser arquitecto é bastante mais ampla do que a prática tradicional do arquitecto. Na rotina diária do nosso



Materialeza, Sede do CREA-ES, Vitória, Brasil, 2001

estúdio, procuramos visões alternativas e criativas do mundo, levando-nos à procura de referenciais numa série de outros campos de actividade. Particularmente não me interessam as Artes Plásticas ou Performativas. Interessam-me outras coisas. O Design Gráfico e de Comunicação são um exemplo, por serem trabalho criativo com um fim bastante prático, assim como o Design Industrial. Para mim isto é o que deve ser a arquitectura. Inovação e criatividade como solução a problemas reais. Quando temos que dar respostas a um problema, chegamos sempre com alguns anos de atraso. Não deveríamos concentrar a nossa atenção em antecipar os problemas? Em trabalhar com projecções e cenários de futuro como fazem todas as empresas? Só assim poderemos responder do modo certo, na altura certa. Somos por definição uma profissão simultaneamente pragmática e utópica. O conceito de Pragmatopia engloba estes extremos, onde nos movemos enquanto estúdio. Pragmatismo enquanto processo, Utopia enquanto objectivo. A procura de um mundo perfeito através de respostas realistas. Utilizando uma metáfora frequentemente citada por Ole Bouman, a imagem do arquitecto como surfista das ondas do sistema moderno, entendendo e utilizando a força inconquistável do mar para conseguir contornar os obstáculos e, em constante equilíbrio dinâmico, manobrar com graciosidade e fluidez. A audácia de enfrentar preconceitos e problemas levantados pelos vários intervenientes, correndo maiores riscos e que permite a longo prazo ganhos mais significativos. Por outro lado, somos influenciados por uma série de campos de trabalho diversos como ecologia e sustentabilidade, bem como práticas económicas e sociais aplicadas em países em desenvolvimento. Interessa-me a problemática da produção de energia, de alteração de hábitos de consumo, de reciclagem, auto-construção, etc. Estou atento a temas como agricultura urbana, bio-combustíveis, novos materiais e construção ligeira. Actualmente investigo sobre arquitectura em crise ou como dar resposta a situações humanitárias de excepção, seja por catástrofes seja por crises políticas ou climáticas. Sou curioso para tentar entender o mundo que nos rodeia e tento incorporar essa informação no meu trabalho. Devíamos deixar de ser autistas, de projectar olhando para o umbigo. Temos de começar a procurar novos territórios de oportunidade para desenvolver o nosso trabalho. Talvez esse seja o futuro da nossa profissão.

arq./a: O vosso percurso denota uma internacionalização da prática do arquitecto. Não só respondem a contextos muito diferenciados geograficamente, de Portugal a Angola, passando pelo Brasil e Noruega,



como o próprio atelier tem vagueado por Lisboa, Barcelona, ou mesmo São Paulo. É essa internacionalização da vossa actividade mais uma vontade de abertura ao mundo ou uma exigência da nossa condição globalizada?

C.S'A: Não tenho claro se é vontade própria ou se nos foi imposto pela evolução do nosso percurso. As oportunidades que surgiram e as opções que tomamos levaram-nos a este ponto. Temos tantos projectos feitos para Portugal como para fora e estamos continuamente à procura de oportunidades em todos os sítios. Movemo-nos pelo interesse que um trabalho possa ter e isso leva-nos a concursos, programas e investigações extremamente interessantes. Por um lado, temos a nossa formação académica, em Lisboa e em São Paulo. Por outro, temos o nosso desenvolvimento enquanto profissionais. Eu já tenho mais anos de vida profissional em Barcelona do que tive em Portugal e talvez por isso seja bastante crítico face ao que se passa na “santa terrinha”. Já passei por episódios no mínimo estranhos com entidades públicas e privadas para agora conseguir assumir tudo isso com sentido de humor. De qualquer modo, é o mesmo projectar para Portugal, para Barcelona ou para qualquer parte do mundo. Mudam as condicionantes locais, mudam regulamentos e legislação, mudam condições económicas mas o processo mental necessário ao desenvolvimento de um projecto é igual em qualquer parte do mundo. Não entendo muito bem a defesa de uma imagem nacional na arquitectura. É extremamente redutor e nada coerente com a nossa história. Sempre fomos um local de intercâmbio de ideias e a nossa sociedade sempre foi resultado destas misturas. Como podem ser críticos dos defensores do nacionalismo na política e sociedade e depois praticá-lo continuamente na arquitectura? Tento ser coerente e assumir que estamos num mundo global, com todas as suas virtudes e defeitos, e que o nosso trabalho passa por maximizar as virtudes e controlar os defeitos do sistema em que estamos inseridos.

arq./a: Outra das características do vosso trabalho é a diversificação das actividades do arquitecto. A vossa produção não se limita ao projecto arquitectónico, incluindo a criação de plataformas de investigação, a organização de exposições e publicações, o desenvolvimento de espaços de ensaio e divulgação na imprensa especializada, etc. Quais são no vosso entender as valências profissionais do arquitecto na contemporaneidade?

C.S'A: Eu entendo a diversificação como a verdadeira essência da



SDK Urban Skinergy, Lisboa, Portugal, 2001

profissão. Nem toda a arquitectura é construção e certamente nem toda a construção é arquitectura, mesmo que assinada por colegas nossos. Não tenho dúvidas que ser arquitecto passa por dar resposta a problemas que envolvam a cidade num sentido lato. Isso não significa necessariamente que tenhamos que construir. A profissão é abrangente, e como tal temos que conseguir diversificar, ou pelo menos tentar olhar através de uma grande angular para poder dar a resposta que esperam de nós enquanto profissionais. Não somos apenas técnicos. Qualquer profissional dos mais variados temas sabe mais que nós. Qualquer pessoa que trabalhe com caixilhos desenha-os melhor que um arquitecto, pelo que não entendo a obsessão que temos com isso. Somos gestores de pessoas e processos e como tal devemos-nos mover em campos variados dos quais a construção é apenas um deles. Interessa-me o aspecto cultural da arquitectura e a sua divulgação. É curioso que um dos poucos cursos não ligados à saúde abrangido por uma normativa europeia é o da arquitectura. Talvez sejamos todos um pouco egocêntricos, mas para mim isso demonstra o potencial impacto das nossas acções. Como se o facto de nos tentarem controlar um pouco seja uma espécie de medicina preventiva. Talvez por

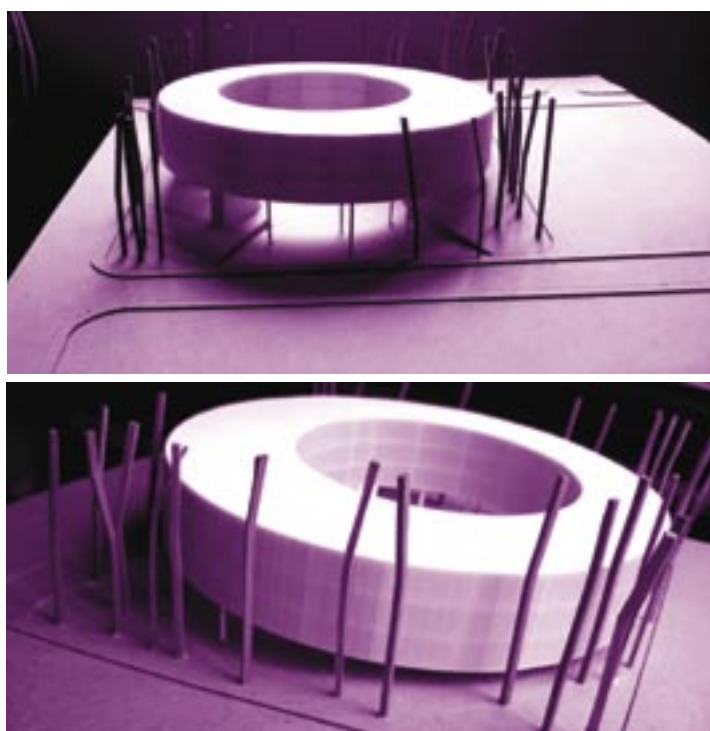
isso seja importante uma reflexão e divulgação do trabalho do arquitecto como instrumento de educação, à semelhança do que fazemos com hábitos alimentares e de higiene...

arq./a: Uma das características fundamentais da vossa produção projectual é o trabalho num espectro de escalas muito alargado. Não só os projectos variam da escala doméstica da Casa.Zip até à escala territorial da Alseiba Momental, como num mesmo projecto recorrem com frequência a uma expansão metodológica da escala de trabalho, como acontece por exemplo no Eco-Centro. É essa variação escalar, um constante *zoom in* e *zoom out*, um modo instrumental de sustentar as vossas opções projectuais?

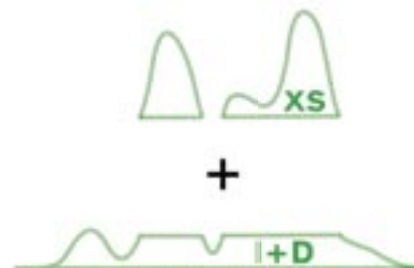
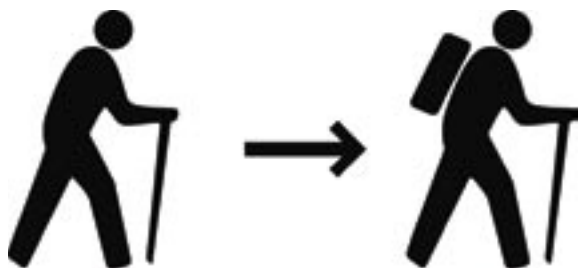
C.S'A: Parte de uma curiosidade de tentar entender o mundo e de uma necessidade de projecto. Estamos atentos à realidade em que nos inserimos e somos críticos face ao que acontece diariamente. Isto leva a um exercício de reconhecimento constante de situações que poderiam ser melhoradas e, inevitavelmente, colocamo-nos a pensar em modos de o fazer. Alguns desses problemas transformam-se mais tarde em projectos ou em visualizações de possíveis soluções. É este olhar crítico que permite ou que necessita de constantes mudanças de escala para entender o problema em toda a sua complexidade. Acredito que o processo de projecto é algo semelhante, qualquer que seja o problema em que trabalhamos. Detecção de necessidades, observação crítica, desenvolvimento de programa e proposta de projecto são de modo genérico os passos dados para chegar a um pensamento ou conclusão. Talvez devido ao modo de funcionamento não linear do ser humano sinta necessidade de dar estes saltos de escala para melhor entender as consequências de cada opção tomada. Também é um modo de gerar informação necessária para a reflexão de projecto. Não é um modo de sustentar as nossas opções, mas sim um processo de trabalho.

arq./a: Essa atenção à operatividade projectual das diferentes escalas tem algo a ver com aquilo que os sociólogos, para definir a simultaneidade do local e do global, do genérico e do específico, chamaram de «Glocal»?

C.S'A: O conceito de *Glocal* aparece no nosso estúdio através de duas formas. Uma no projecto e outra no processo de trabalho. Interessam-nos estes saltos de escala como modo de entender o projecto como um todo. Do território à casa e vice-versa. Só assim conseguimos manter uma



Centro 3ª Idade, Oeiras, 2003



Senior Circuits, Catalunha, Espanha, 2003

lógica do princípio ao fim, respondendo com efectividade às diferentes necessidades de cada escala de trabalho. É esta visão global, procurando sempre uma imagem completa, que dá coerência ao projecto.

Por outro lado, somos um estúdio de visão global que actua localmente. Temos referências de distintos pontos e tivemos colaborações de todo o mundo. Sou português nascido em Angola, a minha sócia é brasileira. Operamos em Lisboa e Barcelona fazendo projectos para lugares variados. Tivemos colaboradores de todos os cantos do planeta: italianos, alemães, franceses, suecos, espanhóis, argentinos, chilenos, mexicanos, coreanos, japoneses, etc. Também portugueses. É inevitável que tenhamos influências de todo o sítio...

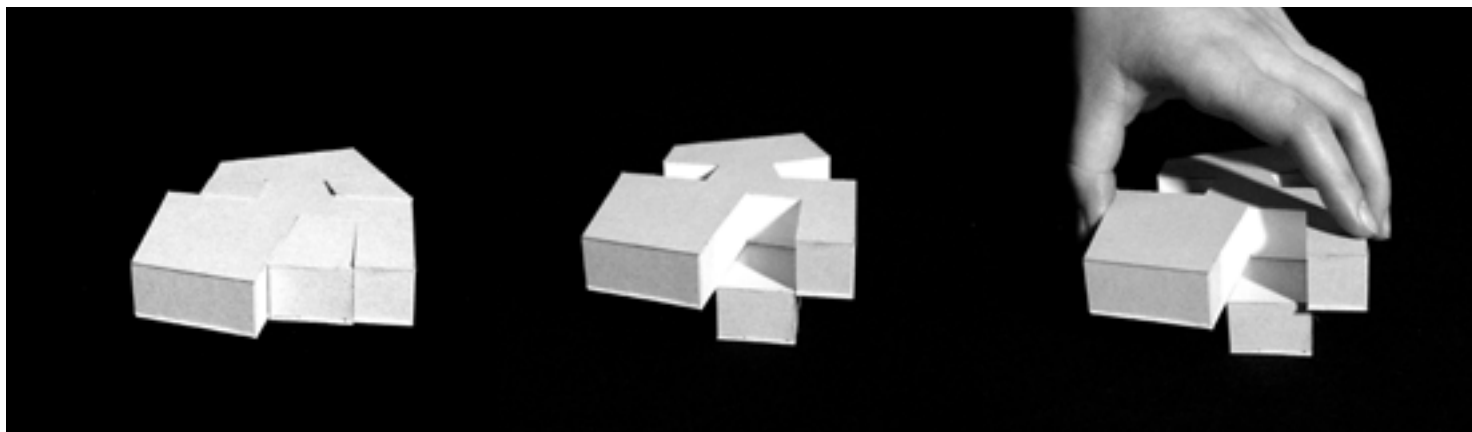
arq./a: Defendem uma “aproximação estratégica” ao projecto arquitectónico assente no “trabalhar com o programa”, “trabalhar com acções em lugar de imagens”. É a vossa arquitectura essencialmente programática?

C.S'A: Como dizia Tartakover, um mestre de xadrez polaco, tática é saber o que fazer quando algo se pode fazer. Estratégia é saber o que fazer quando nada se pode fazer. E é entre estes dois extremos que nos movemos enquanto profissionais. Temos que saber quando tomar decisões tácticas, e quando definir estratégias. O programa é o ponto de partida de qualquer trabalho de arquitectura mas não deve ser uma base dogmática. Programa não é função, é articulação de funções, uma avaliação de uma lista de necessidades. É algo que propomos e que moldamos de acordo com cada cliente. Por isso devemos ser críticos e criar margem de manobra para procurar soluções criativas. Há uma expressão em Inglês, que infelizmente não tem tradução em português que é *Thinking Out of the Box*. Não é nada mais do que olhar os problemas a partir de outro prisma, numa procura de soluções inovadoras. Sabemos que a sociedade portuguesa tem problemas com

o conceito de inovação e talvez por isso a produção arquitectónica em Portugal, apesar de ser de alta qualidade, é conservadora e não criativa. É mais fácil seguir do que guiar e não estão criadas as condições para sermos líderes no que quer que seja. O mercado público não dá valor à criatividade ou inovação e o mercado privado tem um campo de trabalho apenas interessado no lucro imediato e fácil. As poucas excepções são resultado de fazer as coisas certas pelos motivos errados, convidando nomes seguros como marca ou selo de garantia, deixando uma série de profissionais sem aceder às mesmas oportunidades. A questão de trabalhar com o programa, ou com acções em lugar de imagens é uma necessidade projectual. O mercado sofre mudanças demasiado rápidas e a arquitectura é demasiado lenta a responder a isso. Cedric Price dizia que enquanto arquitectos não somos eficazes para resolver problemas. Estava cheio de razão, pois isso acontece porque o projecto arquitectónico depende de demasiados factores para se concluir. O tempo entre a percepção de uma necessidade e o objecto construído para a resolver é demasiado longo. Continuamos a dar mais valor às soluções formalistas em lugar de desenvolver processos de trabalho adaptáveis às mudanças que inevitavelmente ocorrem. Este ponto de vista leva-nos à necessidade de trabalhar com o programa como interpretação das necessidades de um cliente, deixando margem para flexibilizar a resposta. Enquanto arquitectos temos que ter a capacidade de antecipar o futuro, definindo estratégias de projecto para construir com flexibilidade de adaptação. Só assim conseguimos dar uma melhor resposta.

arq./a: Poder-se-ia dizer que essa centralidade do trabalho sobre o programa torna a vossa produção mais processual do que objectual?

C.S'A: Sem dúvida. Interessa-me mais o processo de trabalho do que o objecto final. Talvez por isso os nossos projectos tenham formalismos tão distintos entre si. Trabalhamos com Topografias, com Topologias, com



Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental, Bragança, 2003

Geografias e com um sem fim de distintas configurações formais. Não nos interessa uma linha de investigação única ou um percurso formalmente reconhecível, mas sim a eficácia de uma resposta face a um problema. Não vejo o arquitecto como um artista, apenas preocupado com a estética ou com valores formais, mas preocupa-me a ética de projecto, que passa por conseguir dar uma resposta adequada, em meios e custos. Talvez por isso esteja mais envolvido com o processo, por ser onde conseguimos definir estratégias e tácticas. Demasiadas vezes o cliente está equivocado e não consegue ver com clareza as suas necessidades e é a partir deste pressuposto que trabalhamos. Entender objectivos, necessidades e ambições em conjunto com o cliente e procurar as soluções que melhor respondam a isso.

arq./a: A vossa arquitectura revela fortes preocupações ambientais e ecológicas, não só nos programas que elegem, como no caso dos CMIA ou mesmo do European, mas na configuração das propostas em si. Por outro lado, ainda agora comissariaram em parceria a exposição *A Casa*

Da Vizinha Não É Tão Verde Quanto A Minha sobre esse tema. Qual o vosso entendimento de uma arquitectura ecológica?

C.S'A: Esta exposição, organizada juntamente com Nadir Bonaccorso e João Manuel Santa Rita tenta divulgar variadas aproximações ao tema na prática arquitectónica nacional. A ecologia é a interacção entre os vários actores e ecossistemas e o modo como se articulam e completam entre si, pelo que a arquitectura é parte integrante num sentido amplo do conceito. Toda a arquitectura terá necessariamente que ter preocupações ecológicas, pois temos consciência do impacto negativo no ambiente e devemos tentar fazer algum tipo de controle de danos. Mais do que a nossa produção ser ecológica, acho que toda a arquitectura deve ter preocupações ecológicas. As propostas que fazemos assentam nesse pressuposto. Projectos como o European de Tromsø trabalham no sentido de entender as necessidades específicas de cada situação. Neste caso, é primordial resolver o problema climático e de protecção de espaço público, pois só assim poderemos ter palcos para o desenvolvimento de relações sociais. Poderíamos ter resolvido o problema de modo





ParQ Estacionamento Vertical, Lisboa, Portugal, 2003

extremamente artificial, mas um olhar atento permitiu-nos desenvolver um conceito de protecção térmica a partir dos elementos agressivos. A acção conjunta do frio e neve criam uma camada protectora extra feita de gelo, necessária no Inverno. Nos silos automóveis, a resposta passa por criar estruturas verdes onde praticamente não existem no centro de Lisboa, criando assim pequenos pontos catalizadores de vida natural urbana. Para nós, arquitectura ecológica é simplesmente a que tem a capacidade de articular natureza e urbanidade.

arq./a: Numa perspectiva contemporânea de sustentabilidade, que tipo de relação deve ser estabelecida entre ecologia e tecnologia?

C.S'A: Encontramos hoje duas posturas genéricas face à sustentabilidade. Uma *Retro-Eco*, que defende um regresso às origens com técnicas construtivas vernaculares e ambientes sociais neo-hippies. Não é uma linha de investigação que me interesse pela incapacidade de lidar com processos urbanos de grande escala. Por outro lado, há uma componente *Eco-Tech* que tenta aprender e evoluir a partir da natureza e processos naturais. Conceitos como Biomimética, *smart materials*, consciência ecológica, economia de custos, etc, passam a estar presentes. A solução é entender o potencial de cada lugar e situação e conseguir aproveitar ao máximo as oportunidades sem ser necessário impor grandes cargas tecnológicas que mais tarde se tornam inviáveis devido aos enormes custos de manutenção. Estamos em países do sul da Europa e não na Escandinávia ou Reino Unido. Temos que ter conhecimento das nossas limitações culturais e assumir que conceitos de manutenção preventiva não são eficazmente incorporados na nossa rotina. A tecnologia, independentemente de ser avançada ou não, é uma mera

ferramenta para atingir um determinado objectivo. Na Noruega propus trabalhar com gelo como isolamento térmico e, em Angola, com distintos materiais reciclados de modo a aproveitar as diferenças nas inércias térmicas para gerar uma casa mais confortável do que as que o ocidente lhes tenta impingir. Em Lisboa, trabalhamos com fachadas vegetais e em Espanha, com blocos cerâmicos vazados. Adaptamos mobiliário de arquivo para aumentar o espaço útil de uma casa e aproveitamos o *know-how* tecnológico dos trabalhadores da Lisnave e Cuf para desenvolver clusters de produção energética na Alseiba Momental. Cada caso concreto leva à procura de soluções adequadas, numa perspectiva de maximização de resultados.

arq./a: Defendem a necessidade de procura de sustentabilidade, mas afastam-se da dimensão puramente técnica da questão, evidenciando a sua vertente política e estratégica...

C.S'A: Temos que entender qual o papel do arquitecto enquanto profissional antes de poder dar qualquer resposta. Não acho que o arquitecto seja apenas um técnico. Somos essencialmente coordenadores e gestores de pessoas, meios e tempos. Temos capacidade de articular diferentes intervenientes e pontos de vista numa solução conjunta. Deste prisma, somos mais políticos ou mediadores do que técnicos e como tal temos que ter uma visão estratégica dos problemas. Onde queremos chegar é mais importante pois só assim poderemos decidir como lá chegar e procurar as soluções adequadas a isso. O papel da arquitectura é indissociável da procura de uma sustentabilidade. Dados indicam que 50% da população mundial mora actualmente em centros urbanos e as previsões apontam para 80% dentro de trinta anos. Arquitectura, no



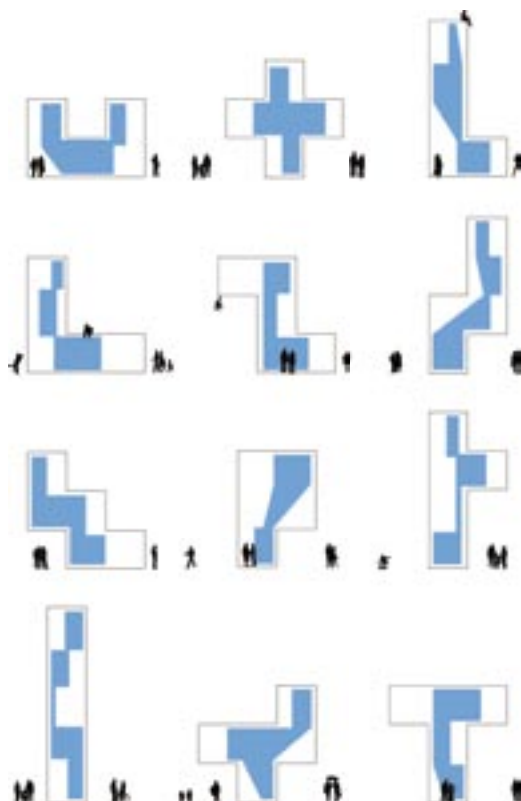
Pavilhão Multi-Usos, Lisboa, Portugal, 2004–06

seu sentido amplo de escalas, proporciona o palco onde isto tudo se passará, pelo que teremos que necessariamente ser membros activos na solução dos possíveis problemas derivados da pressão urbana. Melhores cidades implicam uma gestão consciente de meios, alocação de recursos e visão estratégica e resultam num ecossistema onde se possa viver com qualidade. Existem actualmente soluções técnicas para praticamente tudo, mas o importante é a vontade política e social de mudar. Alterações nos padrões de consumo levam inevitavelmente a mudança nos padrões de cidade, repensando distribuições territoriais e conceitos de mobilidade.

arq./a: As vossas propostas desenvolvem conceitos explorados por tendências recentes bem demarcadas. Se a defesa da «densidade» parece derivar das premissas da Escola Holandesa, de Koolhaas aos MVRDV, a concepção paisagística, das «paisagens operativas» à simbiose «natural-artificial», parece fortemente marcada pela ACTAR. Foram estas influências estruturantes na vossa arquitectura?

C.S'A: Apesar de nunca ter estado na Holanda a trabalhar ou

estudar, identifico-me com uma série de atitudes profissionais que se desenvolveram nos últimos anos. A postura profissional de Rem Koolhaas e OMA é muito influente na arquitectura contemporânea, com viagens constantes entre exercício da profissão, investigação prática e teórica e divulgação. Toda uma série de arquitectos que passaram pelo seu estúdio, por Harvard ou se moveram nesse meio profissional como MVRDV, NL Architects, REX, Romero, BIG, JDS, Hosoya-Schaefer, etc. continuaram com este processo como metodologia de trabalho. O que mais me interessa não é o conceito de densidade mas sim a procura de novas soluções através da hibridização de usos ou a utilização de situações extremas numa nova combinação de elementos, e como fazê-lo de modo *user-friendly* para o utilizador final. É aqui que entra a nova escola de Barcelona. Não tenho dúvida que a minha grande influência é a ACTAR. Fui um dos arquitectos que trabalhou mais de perto com Manuel Gausa, desenvolvendo conceitos e aplicações estratégicas em variados contextos, tanto a nível profissional como académico, pelo que é impossível evitar que haja influências nos dois sentidos. Desde logo me identifiquei no



Casa Portuguesa, Lisboa, Portugal, 2005



Museu Imaterial Café, Badajoz, 2006

processo de trabalho da ACTAR, com liberdade para discutir, propor e agir e foi assim que desenvolvi grande parte da minha carreira profissional, paralelamente ao meu próprio estúdio.

arq./a: Os vossos *renderings* mostram sempre pessoas felizes e activas experimentando os espaços arquitectónicos que propõem. Pode a arquitectura revolucionar as sociedades?

C.S'A: Os arquitectos desenham palcos de acção social e, como tal, os espaços arquitectónicos não são mais que cenários onde decorrem acontecimentos da vida diária. As coisas têm a importância que lhes damos e arquitectura é apenas isso. Um palco onde os actores diários desempenham o seu papel. O conceito de pessoas felizes e activas talvez seja espelho das minhas ambições enquanto arquitecto: criar espaços que as pessoas possam usufruir. Devemos assumir o nosso papel de profissionais com capacidade de antecipar e pensar o futuro e com as nossas ideias e conceitos propor alternativas viáveis e optimistas. Não sei se conseguimos revolucionar sociedades. Para mim essa palavra tem um ponto negativo: o R que implica que uma revolução seja na realidade uma evolução a partir do zero. Será necessário deitar fora tudo o que foi conquistado até agora. Queremos de facto partir do zero? Fazer *Tabula Rasa*? Não sei se nos interessa isso. Acho que a melhor opção é conseguir aproveitar o que temos de bom e crescer a partir desse ponto. Talvez então a arquitectura possa ajudar a “evolucionar” a sociedade.

arq./a: A concepção do arquitecto como coordenador central de processos económicos, sociais, culturais não revela, tal como já tinha acontecido com os arquitectos modernos do período heróico, uma sobrevalorização da função do arquitecto nas sociedades?

C.S'A: Não acredito que esteja em causa a sobrevalorização do papel

do arquitecto numa sociedade que constantemente subvaloriza as profissões criativas. É difícil uma repetição do movimento moderno e de toda a sua pujança arquitectónica. Os tempos são outros, as condições socio-económicas mudaram e a inocência face ao potencial tecnológico enquanto panaceia para todos os problemas da sociedade acabou. *Mon Uncle* não existe mais. Estamos numa era de cepticismo e isso leva-nos a procurar novos tipos de resposta, novos campos de trabalho e um envolvimento em novas problemáticas. Acredito que a grande virtude da profissão é a capacidade de gerir e articular pessoas e meios para atingir um objectivo concreto. Tradicionalmente foi aplicado à construção, mas cada vez mais nos vemos no meio de processos complexos que necessitam de respostas complexas. Estamos neste momento com uma investigação sobre casas pré-fabricadas para Angola. Começámos o projecto na ingenuidade de procurar uma solução técnica para o problema, quando na realidade o problema não é relativo às casas mas sim à implantação do processo. Existem centenas de projectos, protótipos, técnicas, soluções mas o que falta resolver é o modo como conseguir o financiamento e utilizá-lo. Após conversas com pessoas ligadas a ONGs e alguma investigação sobre processos de trabalho em países em vias de desenvolvimento, decidimos avançar com uma proposta que inclui o desenho do processo de financiamento, procurando juntar entidades e parceiros para cada um dos pontos chave. Assim acabámos por projectar não só a casa, mas também o modo de fazer, articulando e modificando conceitos de micro-crédito, investidores sociais, títulos de propriedade, auto-construção e produção local. Não sei se é parte do trabalho do arquitecto convencional, mas partindo do princípio de que o objectivo é providenciar abrigo a uma comunidade, temos que pensar mais do que a simples casa. Num processo normal de trabalho somos frequentemente confrontados com a necessidade de resolução de problemas que não

dizem directamente respeito ao exercício da profissão que assumimos sem problema. Talvez deva passar a ser prática corrente um maior envolvimento e compromisso com um objectivo.

arq./a: Defendendo ideias tão na ordem do dia, em volta da ecologia, sustentabilidade, pragmatismo, etc, o que tem faltado para conseguirem efectivamente construir?

C.S'A: Aplico estes conceitos há bastante tempo para me sentir à vontade com eles, mas não acredito que estas ideias sejam realmente importantes para a sociedade actual, pois continuam a ser vistas como obstáculos. Ainda não ficou claro que uma coisa não é incompatível com a outra e que desenvolvimento sustentável não implica redução no crescimento económico. Não é por uma pessoa defender ideias que estão na ordem do dia que significa que tenha mais trabalho. Terá como consequência o facto de construirmos ou não? Não sei. Temos experiência de construção - damos apoio a outros ateliers aqui em Barcelona - e uma atitude que permite facilmente contornar qualquer obstáculo, mantendo como objectivo a qualidade final do projecto. Acho que o problema geral passa pelo processo de encomenda arquitectónica que é quase sempre obscuro. Os motivos que levam à escolha de determinado arquitecto são pouco transparentes, não democráticas e não dão valor à criatividade como mais valia competitiva. Talvez por isso o trabalho vá sempre parar aos mesmos: quase todos praticam *dumping* para ficarem com projectos e mordem-se frequentemente. Talvez devêssemos criar um código *Odontológico* na *Ordem dos Arquitectos* pois parece ser prática comum andar às dentadas uns aos outros. Não sei o que falta, mas o que está a mais nisto tudo é o conservadorismo português. Há uma enorme incoerência entre o que é defendido pelo poder político e pelos investidores em matéria de inovação e a dura realidade portuguesa. Primeiro é um equívoco considerar apenas os ramos estritamente científicos como os únicos campos capazes de inovar. Temos uma série de profissionais de muitas áreas com talento, com reconhecimento profissional em todo o planeta e que não têm oportunidade de aplicarem os seus conhecimentos em casa. Todos perguntam porque há fuga de cérebros para o estrangeiro, mas ninguém questiona a fuga de criativos. Temos arquitectos, músicos, actores, publicitários, artistas, fotógrafos, designers, etc. que estão no estrangeiro a ter êxito e são totalmente ignorados em Portugal. O que eu defendo vai além das posturas meramente arquitectónicas: defendo mudanças nos hábitos e no respeito. Pelos profissionais e pelo planeta que é o único que temos.

arq./a: Numa recente entrevista transpareceu um certo pessimismo com a situação profissional em Portugal, em claro contraste com o espírito optimista e interventivo em que trabalham em Barcelona. Faltam condições para conseguirem exercer em Portugal?

C.S'A: Não sou pessimista em relação a Portugal. Sou um Optimista Informado, e como tal torno-me céptico em relação a muita coisa. Não acho que falem condições para exercer em Portugal pois apesar de estar em Barcelona, tenho dois projectos em Lisboa que devem entrar em obra brevemente. O nosso regresso a Barcelona parte de uma perspectiva de ampliar o mercado de trabalho e até agora tem sido recompensador. O optimismo está sempre presente no meu trabalho, pelo que continuo activo em Portugal. Muita gente ainda nem deu conta que regressei a Espanha porque continuo ligado a publicações, projectos web, divulgação, investigação, etc. Na realidade, do modo como está desenhada a nova Europa, estou mais perto de Lisboa estando aqui do que estando no Porto. As comunicações e deslocações são cada vez mais fáceis e baratas devido à Internet e às *Low Cost*. Levo hora e meia daqui a Lisboa por um preço razoavelmente baixo. Melhor do que apanhar o trânsito e as portagens da A1, não? ■

